

O herói das Argonáuticas latinas

Márcio Meirelles Gouvêa Júnior

Resumo:

A partir do estudo sistemático dos quatro primeiros episódios das *Argonautica*, de Valério Flaco, torna-se possível determinar um elenco de virtudes características do principal herói da obra, Jasão. Essas virtudes, contudo, revelam-se adequadas às condições históricas, políticas e filosóficas da época em que o poema foi escrito, tornando-se, portanto, um modelo de excelência adequado ao cidadão romano no último quartel do século I.

Palavras-chave: *Argonáutica*, Valério Flaco, poesia épica, herói.

Gaio Valério Flaco escreveu sua *Argonáutica* nos fins do século I, em um momento já relativamente tardio da literatura latina (EHLERS, 1980; HERSHKOWITZ, 1998). Graças a essa condição temporal, aliada ao espírito emulatório típico do fazer poético da Antiguidade, o canto latino dos primeiros navegantes e da própria abertura dos mares estabeleceu um profundo diálogo com a imensa tradição literária do mito, provinda do dealbar das civilizações mediterrâneas.

Trata-se da história de Jasão, o príncipe de Iolcos que, compelido pelo tio Pélias, partiu para a maior de todas as aventuras – a primeira navegação. Mas não o fez sozinho. Sob a proteção de Juno e de Minerva, acompanhavam-no os maiores heróis da Hélade. Embarcados na profética nau Argo, construída por inspiração de Minerva, foram em busca do Velocino de Ouro, o precioso pelame metálico do carneiro forjado por Vulcano para transportar ao Oriente, em fuga pelo mar, Heles e Frixo, parentes de Jasão perseguidos pela madrasta Ino. No entanto, como a intenção do rei Pélias ao mandar Jasão ao mar não era a de aumentar a glória do sobrinho, mas de causar-lhe a morte, incontáveis foram os perigos a que se sujeitaram os marinheiros antes de alcançarem a Cólquida – a distante terra no Levante que recebera Frixo e o Velocino. Assim, nas escalas da navegação, os argonautas enfrentaram perigos e desafios, fortalecendo suas têmperas e afirmando-se como valorosos heróis. No canto flaquiano, eles arribaram na ilha de Lemnos, onde fecundaram todas as viúvas assassinas dos maridos; já em Tróia, Hércules libertou a virgem Hesíone e matou o cruento monstro marinho que aterrorizava a cidade de altas muralhas. Por sua vez, no reino de Cízico, os intrépidos varões lutaram, embora em infausta luta, com denodo e valentia, espalhando mortes e desgraças, como instrumento da vingança da divina Cibele; já na Bebrícia, o porto seguinte, o ágil Pólux venceu o rei gigante Âmico no pugilato. Para

salvar o cego adivinho Fineu, os alados filhos do deus Bóreas caçaram as harpias, afastando, por conseguinte, a terrível pena imposta por Júpiter ao vate; e, finalmente, na entrada do mar Euxino, os nautas passaram por entre os terríveis rochedos moventes, abrindo, com tal ato, o mar às navegações. Só então os argonautas puderam atingir, na foz do rio Fase, a Cólquida, governada pelo pérfido rei Eetes, o filho do deus Sol. Assim, diante do rei e sob a proteção das regras de hospitalidade, Jasão pediu ao monarca o Velocino de Ouro, considerado talismã máximo daquele reino. Diante do pedido, o irado Eetes, impedido de matar os jovens gregos pelos sagrados deveres de anfitrião, teve de concordar com a solicitação do herói, impondo, contudo, a condição de que antes os argonautas lutassem ao lado de suas tropas na guerra contra o irmão Perses, confiado em que jovens gregos não sobreviveriam aos combates. Assim, comandando mais uma vez os argonautas, Jasão enfrentou bravamente o campo de batalha e proporcionou ao rei dos Colcos a vitória na guerra, merecendo, pela primeira vez, o prêmio prometido – o melhor, o Tosão. No entanto, o rei Eetes, atemorizado pelos vaticínios contrários à entrega do pelame, não lho concedeu; pelo contrário, impôs ao jovem novas provas: jungir os touros de pés de bronze que vomitavam fogo; arar com eles quatro jeiras de terra, e semear as messes com os dentes da serpente de Cadmo, dos quais nasceriam os guerreiros de pedra, que deveriam ser mortos antes do final de um dia. Entretanto, Eetes não contava com o auxílio que sua filha Medéia proporcionaria ao herói. Esta, sob os influxos da paixão despertada por Juno com os artifícios emprestados por Vênus, apegara-se ao capitão dos Argonautas, de tal modo que seu pudor e seus deveres filiais foram suplantados pelo infeliz amor. Ela, então, sob o império do épico amor deletério, concedeu ao herói unguentos mágicos que o protegeriam do fogo soprado pelos touros mágicos, e um capacete divino – o Elmo da Discórdia – que, lançado entre os guerreiros de pedra, os faria lutar entre si. Em troca, Jasão prometeu-lhe o casamento e uma nova vida na Grécia. Por isso, de posse dos sortilégios da feiticeira, o herói venceu as provas e voltou perante o rei para demandar lhe os prêmios. Mais uma vez, contudo, Eetes lho negou. Jasão, então, com nova ajuda de Medéia, conseguiu roubar o pelame, mas não sem antes ver a princesa colca fazer adormecer, para prejuízo de sua honra, de seu pai e de seu reino, a imensa serpente guardiã do Velocino. De posse, enfim, do prêmio, Jasão partiu de volta para Iolcos, levando consigo a jovem bárbara. Perseguiram-nos, todavia, Absirto, meio-irmão de Medéia, mandado pelo rei para levar de volta à Cólquida o velo e a feiticeira, pouco antes do término abrupto do poema. Este é o argumento da heróica narrativa flaquiiana.

De fato, quando da composição do epos latino por Valério Flaco, o mito argonáutico já contava com imensa fortuna poética. De arcaicas raízes tessálicas, a história desses navegantes parece ter feito parte do repositório de mitos anterior mesmo aos cantos homéricos, porquanto nos dois poemas do poeta de Quíos encontrem-se referências a Jasão e a Medéia. Por outro lado, variantes do mito foram sendo incorporadas à sua narrativa através dos séculos, adequando-a aos interesses dos poetas e às feições dos novos tempos. Assim, entre outros, Hesíodo e Píndaro, no período arcaico da literatura grega; Eurípides, no período clássico; Teócrito e Apolônio de Rodes, no período alexandrino; Ênio, Catulo e Varrão Atacino, no período da República romana; e Ovídio, no início do Império. Cada um, a seu modo, alterou o canto argonáutico, aduzindo ao epos características de sua própria realidade histórico-

filosófica. Entretanto, em razão do espírito agônico de emulação e da profunda reverência aos cânones literários, os modelos pretéritos nunca eram totalmente desfeitos ou esquecidos nas composições mais recentes; eram, porém, refeitos com claras indicações de sua sobrevivência. Assim, como forma de adequação das novas personagens criadas pelos poetas, o contraponto de seus predecessores literários era imprescindível, de modo a afirmar suas características não apenas por meio das descrições objetivas dos versos, mas também, e do mesmo modo, por meio de sua diferenciação a partir dos seus modelos – todos eles bastante conhecidos durante toda a Antiguidade.

Nessa confluência de tradições que representa o período tardio da literatura latina, Valério Flaco pôde erigir seu próprio canto épico. Estabelecendo variantes a partir não apenas da tradição literária do mito argonáutico, mas também do próprio gênero épico, um novo modelo de herói foi forjado – adequado à realidade social do período flaviano. Lembre-se que o advento dos imperadores flávios – Vespasiano, Tito e Domiciano – marcou o fim da dinastia Júlio-Claudiana, após o celerado principado de Nero e a desastrosa sucessão dos três imperadores – Galba, Oto e Vitelo – no ano de 69. Ademais, como uma dinastia sem tradições que a amparasse no poder (como fora a dinastia anterior, pretensa descendente de Iulo, de Enéas e de Vênus), esses imperadores dos três últimos decênios do século I d.C. esforçaram-se por igualar ou superar os primeiros príncipes do império, objetivando emprestar ao novo regime as glórias alcançadas por Augusto. Por isso, nesse espírito emulatório dos príncipes, foram construídos templos que porfiassem com os antigos, foram emitidas moedas com as efígies dos imperadores passados e foram retomados os incentivos literário-propagandísticos. Como tentativa de retorno ao classicismo latino, simbolizado pela áurea geração de Virgílio, Horácio e Ovídio, tinha início o neoclassicismo da literatura latina. Como tônica desse período, ressalta-se o esforço de constante superação dos modelos pretéritos.

Foi, portanto, sob o enfoque agonístico com relação aos cânones que Valério Flaco construiu seu modelo de excelência, representado pelo principal herói de seu canto – Jasão. Fê-lo, contudo, sob um viés filosófico claro e determinável – o mesmo que norteou boa parte do pensamento latino: o estoicismo. Sob a doutrina do Pórtico vivia, ou preconizava viver, a sociedade romana imperial; por isso mesmo, o exemplo de excelência épica deveria também corresponder ao modelo de virtudes estoicas, já estatuído por Cícero e por Sêneca. Assim, o herói do epos deveria ser um homem cosmopolita e onnicompetente, imbuído dos principais valores de seu tempo: o quádruplo crivo constituído pela justiça, pela temperança, pela fortaleza e pela prudência.

No entanto, como proposta do próprio estoicismo, o desenvolvimento das virtudes dar-se-ia por meio do exercício e da prática. Por isso, a viagem dos argonautas desde Iolcos até a chegada à Cólquida serviria de aprendizado para os jovens que, após o enfrentamento dos percalços, adquiririam as qualidades necessárias à excelência heróica e ao merecimento do canto épico. Então, para evidenciar essas virtudes, Valério Flaco alterou os modelos do mito legados pela tradição literária, de tal sorte que o Jasão latino ganhou atributos específicos e diferenciados em relação aos seus cânones.

Assim, em cada um dos episódios da primeira parte das *Argonautica*, incluídos nos quatro primeiros cantos da obra, durante o percurso marítimo da expedição, uma virtude, pelo menos, foi enaltecida e um distanciamento em relação aos modelos foi estabelecido. Dessa maneira, no episódio das mulheres de Lemnos – o primeiro da viagem –, a piedade filial, representada pelo salvamento do pai efetuado pela princesa, foi ressaltada, a partir do contraponto com o modelo alexandrino; do mesmo modo, ainda no mesmo episódio, o distanciamento do modelo da mulher abandonada foi alterado a partir do exemplo de Dido, no canto virgiliano. Afinal, Jasão não deixava Lemnos odiado, como Enéias ao sair de Cartago; mas deixava um filho sendo gerado por Hipsípila, que não o recriou pela partida. Jasão foi, portanto, superior a Enéias na capacidade de sedução e de diplomacia; e superior ao Jasão helenístico no que concerne à *pietas*.

Já no segundo episódio da viagem, quando Hércules salvou do sacrifício Hesíone – a jovem princesa troiana, filha de Laomedonte – foi a força física do herói tiríntio que se viu valorizada, porquanto a imagem de Hércules fora bastante depreciada na tradição alexandrina, que o vira apenas como um modelo anacrônico e ultrapassado de virtude guerreira arcaica. Ressaltar as qualidades bélicas do herói forçoso era, portanto, no canto de Valério Flaco, um modo de glorificar a virtude combativa, tão necessária a uma sociedade castrense e belicosa como a romana imperial. No entanto, essa virtude guerreira mais ainda se exaltou no terceiro episódio, quando os Argonautas lutaram, desavisados e movidos pela vontade dos deuses, contra o hospitaleiro Cízico. O próprio poeta invocou Clio, a musa da poesia heróica, para regê-lo naquele trecho do poema. Era novamente um modo de distanciar-se do modelo alexandrino que, fruto de uma sociedade eminentemente pacífica, cortesã e comerciante, desvalorizava a excelência guerreira, já que a valentia de Jasão e de seus companheiros restou comprovada e exaltada após a terrível matança patrocinada pela vontade dos deuses. No entanto, um detalhe não pode passar despercebido no que se refere à imensa valentia dos guerreiros. Em momento algum o desmedido furor lhes toldou a razão. Mesmo durante os combates noturnos, a calma e a moderação das paixões parecem terem-se imposto aos guerreiros.

Por outro lado, na mesma senda de valorização do modelo argonáutico, quando, no quarto episódio, Hílas foi tomado de Hércules por picardia de Juno, novamente o modelo representado pelo herói tiríntio foi enaltecido, uma vez que a crítica alexandrina quanto à sua desmedida foi moderada pela equiparação entre o par heróico e o par familiar representado por Enéias e Iulo. O amor pederástico evidenciado no canto helenístico foi transformado em amor paternal. Por sua vez, nesse mesmo episódio, foi também enaltecida a autoridade de Jasão, que não recebeu as ultrajantes e constrangedoras reprimendas de Telamón, como no canto de Apolônio. O Jasão latino, então, mais ainda firme em sua condição de líder, ou de *dux*, garantia sua autoridade e seu valor.

O quinto episódio também ressaltou a índole heróica dos intrépidos navegantes, notadamente a de Jasão, que fora o primeiro a oferecer-se para o combate contra o terrível gigante pugilista. Finalmente, no sexto e último episódio antes do encontro com as Rochas Moventes, quando Jasão e seus companheiros libertaram o velho adivinho Fineu da pena a ele imposta por Júpiter, foi Prudência a virtude exaltada.

Assim, como o exercício da piedade – em suas três manifestações: para com os pais, para com a pátria e para com os deuses – conduz à Justiça; como a conjugação da índole com o a destreza guerreira conduz à fortaleza; como a contenção do furor e da paixão conduz à temperança; e como o exercício da sabedoria conduz à prudência, formou-se o herói flaquiano, meritório detentor de todas essas virtudes. Herói de seu tempo, o Jasão de Valério Flaco competiu com todos os seus pares, vencendo-os de sobejo. Melhor que os guerreiros iliádicos, melhor que o industrioso Ulisses, melhor que o charmoso e diplomático Jasão alexandrino, melhor até mesmo que o piedoso e patriótico Enéias, o Jasão flaviano tornou-se o exemplo da máxima potência estoica, cuja grandeza, todavia, apenas se desvela por meio da comparação criteriosa com seus modelos emulados.

Abstract:

From the systematic study of the first four episodes of the *Argonautica*, by Valerius Flaccus, it is possible to determine a cast of characteristic virtues of the principal hero of the work, Jason. These virtues, nevertheless, reveal themselves appropriate as historical, political and philosophical conditions of the time in which the poem was written thus, becoming a possible model of excellence for Roman citizens in the last quarter of the I century.

Keywords: *Argonautica*, Valerius Flaccus, epic, hero.

Referências

EHLERS, W. W. *Gai Valeri Flacci Setini Balbi Argonauticon libros octo*. Stuttgart: Bibliotheca Teubneriana, 1980.

HERSHKOWITZ, Debra. *Valerius Flaccus' Argonautica: abbreviated voyages in silver Latin epic*. Oxford: Clarendon, 1998.